

GT76: Sujeito e religiosidade: práticas, representações e experiências

Bruno Bartel, Edilson Márcio A. Silva

No início do século XIX, Hegel inovou ao postular que toda consciência resulta de um processo de formação histórico-cultural, posição também assumida por Marx que, juntamente com Freud e Nietzsche, viria a assumir indelével influência na obra de Foucault. Uma das mais renomadas referências no debate acerca das relações entre o sujeito e o poder, o filósofo francês notabilizou-se ao elaborar uma perspectiva teórica invulgar na qual a noção de insubmissão da liberdade ocupa um lugar privilegiado. Partindo dessa perspectiva - sem, contudo, nos atermos a ela -, interessa-nos refletir sobre a relevância da religiosidade na produção de modos de ser/estar no mundo, enfocando, em especial, as práticas, representações e experiências que orientam as estratégias de luta empregadas por diferentes sujeitos para fazer frente às relações de poder que se lhes impõem nas múltiplas e variadas esferas da vida social. Em linhas gerais, o GT pretende constituir um espaço de diálogo e reflexão em torno de fenômenos como: ações rituais coletivas, controvérsias públicas, modos de engajamento disciplinar, mobilizações políticas etc., cuja análise servirá de subsídio a uma problematização mais ampla do papel desempenhado pela religiosidade na produção da consciência e, por conseguinte, na construção de sujeitos nas sociedades contemporâneas.

Samba, feijoada e música gospel: Outras faces do Pentecostalismo, nas periferias fluminenses

Autoria: Frederico Felipe Souza de Assis

O presente trabalho tem por objetivo investigar a relação entre religião, cultura, mídia e as (re) formulações do secular (Asad, 2003) a partir dos "ministérios" pentecostais e neopentecostais presentes nas periferias urbanas do Rio de Janeiro. Nas últimas décadas, com o crescimento do campo evangélico e a consequente intensificação de sua presença e agência nas periferias urbanas fluminenses, pesquisas sobre esta temática se tornaram cada vez mais relevantes para melhor compreender as especificidades deste campo religioso em expansão, bem como os efeitos deste fenômeno, nestes territórios. Para viabilizar tal proposta, pretendo analisar as interações do pentecostalismo com o samba, a partir da "Féjoada do Waguinho". Trata-se de uma roda de samba com feijoada, produzida por pentecostais, evento com a participação musical dos pagodeiros do Ministério 100% fé e do pastor e cantor de "samba gospel" (categoria nativa), Waguinho. Realizado em Duque de Caxias, Baixada Fluminense, este evento nos permite investigar de que modo elementos da "cultura gospel" tem disputado, ocupado e reconfigurado subjetividades, corporeidades e sociabilidades nas periferias urbanas do Rio de Janeiro, e de que maneira as práticas sociais recorrentes nestas periferias também alteram os modos de vida pentecostais. Faz-se necessário, ainda, considerar a centralidade das mídias sociais e sua relevância para a materialidade da religião neste contexto. Para o desenvolvimento da análise deste material etnográfico, dialogo com a literatura sobre religião e mídia (Meyer, 2018); identidade e mediações culturais (Hall, 2003); música gospel (Cunha, 2007; Sant'Ana, 2014; Bandeira, 2017 e Guerreiro, 2018); música e as periferias urbanas (Oosterbaan, 2008); religiões afro brasileiras (Silva, 2005); laicidade e secularismo no Brasil (Asad, 2003, Montero, 2006; 2018 e Giumbelli, 2008); samba (Cabral, 1996; Moura 1995; 2004); samba e evangélicos (Oliveira Júnior e Cruz Júnior, 2020); Funk, pentecostalismo e periferias urbanas (Pereira, 2019 e Paz, 2018) e samba gospel (Machado, 2020). As conclusões iniciais desta pesquisa apontam para uma abordagem da música gospel e, sobretudo, do "Samba Gospel" não apenas como prática proselitista ou apropriação indébita de uma determinada Cultura; ainda que isto possa ocorrer, em diversos

níveis. Adoto a perspectiva de que, muito além de um mero artefato de entretenimento ou parte acessória nos ritos e experiências religiosas, a música gospel é, assim como o samba e o funk, parte integrante da vida nas margens da cidade; e uma poderosa formulação cultural para (re) mediar a dor, reencantar a vida e encarar a realidade.

[Trabalho completo](#)

33ª Reunião Brasileira de Antropologia - RBA

A 33ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) foi realizada de forma on-line, pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR), entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Às vésperas do bicentenário da Independência política do Brasil, a entidade mais antiga das Ciências Sociais do país – Associação Brasileira de Antropologia (ABA) - realizou o evento que contou com a participação de mais de 2 mil pesquisadores/ pesquisadoras da Antropologia e área afins oriundos da América Latina, América do Norte, Europa e África.

A programação contou com: 76 Grupos de Trabalhos, 32 Simpósios Especiais, 54 Mesas Redondas, 05 Oficinas, 04 Minicursos, 04 Conferências, 06 Reuniões de Trabalho, Lançamentos de Livros, Atividades do Prêmio Pierre Verger (Mostras de filmes, ensaios fotográficos e desenho); Feira de Livros e diversas premiações (Prêmio Pierre Verger, Prêmio Lévi-Strauss, Prêmio Lélia Gonzales, Prêmio Heloisa Alberto Torres, Prêmio Antropologia e Direitos Humanos, Prêmio de Ensino de Antropologia, Prêmio de Divulgação Científica, além da Medalha Roquette Pinto).

A Reunião permitiu à comunidade antropológica reafirmar seus compromissos com os direitos dos povos indígenas, com as populações das periferias, com as comunidades quilombolas, LGBTQI+ e de favelas. Se tratou de um evento de primeira grandeza para a Antropologia nesses tempos em que os direitos básicos estão ameaçados, possibilitando a reflexão, o questionamento e o pensar sobre os desafios e dilemas da atualidade.

Realização:



Apoio:



Organização:

